

CEDI - P. I. B.
DATA 13, 08, 1980
COD. GJ D03

Relatório sobre o contato e a necessidade de transferência de 27 índios Guajá do Igarapé Timbira, município de Santa Luzia, para a Reserva Caru, município de Bom Jardim, estado do Maranhão. Da necessidade de se criar um novo posto para esses e outros Guajá que se encontram na Reserva Caru, e da implementação de uma política indigenista própria para esses índios para que se possa evitar seu declínio populacional.

Apresentado pelo antropólogo Mércio Pereira Gomes.

São Luís, 20 de maio de 1980

Cópias enviadas a:

6ª Delegacia Regional da FUNAI, São Luís

Departamento Geral de Planejamento Comunitário, FUNAI, Brasília.

Comissões Pró-Índio em São Luís, São Paulo, Rio e outras.

Jornais de São Luís, São Paulo e Rio de Janeiro

FAPESP, São Paulo.

Apresentação histórica

Os índios Guajá são a última nação exclusivamente caçadora-coletora do Brasil. Não são resquícios de um estágio paleolítico da evolução humana, mas sim um povo que perdeu a prática da agricultura a uns 300 anos atrás, devido às pressões causadas pela expansão luso-brasileira no seu território original, os vales dos rios Gurupi, Guamá e Capim. Os Guajá falam uma língua da família linguística tupi-guarani, muito próxima da língua dos índios Tenetehara, Assurini e provavelmente Amanajés e Turiwara, sendo um pouco mais distante da língua dos Urubu-Kaapor.

Se por compulsões históricas é que os Guajá se transformaram em caçadores-coletores, essa nova maneira de viver, essa nova cultura, se viabilizou de tal forma que poderiam continuar vivendo assim para sempre, não fossem os acontecimentos históricos dos últimos 30 anos, os quais resultaram na perda de grande parte de seu território, na divisão de grupos que terminaram perdendo o contato entre si, e na morte de pelo menos dois terços de sua população.

Até os anos 50 havia ainda índios Guajá no seu território original. Hoje não parece haver mais, seja por terem sido mortos ou por migrações para o Maranhão. Neste estado os Guajá encontraram certas regiões relativamente vazias de seus antigos habitantes, como os Tenetehara e os Urubu-Kaapor, e se expandiram pelos vales dos rios Turiaçu e Pindaré. Naquela ocasião os Tenetehara e Urubu-Kaapor estavam sofrendo enormes perdas populacionais. Basta dizer que de 800 Tenetehara que habitavam o vale do Pindaré no final da década de 40, restam 350; e de cerca de 1500 Urubu-Kaapor dos vales do Turiaçu e Gurupi, sobram 430 atualmente. A população Guajá então se expandiu, mesmo continuando a sofrer ataques dos Urubu-Kaapor e Tenetehara, e dos primeiros colonos que se adentravam por esse território, alcançando o seu número máximo nos últimos 50 anos: cerca de 300 pessoas distribuídas em uns 20 micro-grupos ou grupos de permanência durante a estação chuvosa.

De 1970 para cá começa o grande declínio populacional Guajá, causado pelos contatos com caçadores e agricultores civilizados que lhes trazem a malsinada gripe e mesmo que os matam como a animais, que lhes raptam suas mulheres e crianças. Em 1970 já se pode postular a formação de dois macro-grupos Guajá, constituindo entidades separadas pelos pequenos povoados civilizados que se criavam ao longo do rio Pindaré e do seu afluente, o rio Caru.

Um macro-grupo tinha como território a margem esquerda do rio Pindaré, na altura do rio Caru, estendendo-se a oeste e compreendendo o vale do rio Turiaçu, no seu curso alto, e os afluentes da margem direita do rio Gurupi. O outro macro-grupo se firmava no lado direito do rio Pindaré, explorando os vales dos rios Buriticupu e Zutua, afluentes do Pindaré.

Vale salientar que a cultura Guajá está adaptada a regiões onde existem cocais de babaçu, de cujo coco obtêm uma espécie de farinha a que chamam de "cane", que lhes serve de carboidrato complementar à sua alimentação de caça e frutas. Poder-se-ia portanto mapear um possível território Guajá, se se tivesse um mapa fitológico que apontasse babaçuais nesse território mencionada.

O macro-grupo da margem esquerda do Pindaré, que poderemos chamar de "macro-grupo Turiaçu", devia compreender umas 200 pessoas em 1970. Sofreu os primeiros contatos mais permanentes a partir do povoamento desta região, através do rio Pindaré e sobretudo quando esta frente de povoamento atingiu e subiu o rio Caru. A partir de 1972 surgem as primeiras notícias de índios Guajá aparecendo em casas de civilizados na margem do rio Caru. Contraíam gripe e morriam à míngua.

Em 1973, a antropóloga Valéria Parise, então trabalhando para a 6ª Delegacia Regional da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), inicia um projeto de contatos com pequenos grupos Guajá que apareciam nesses novos povoados. Não era mais que um projeto de resgate de sobreviventes. De lá ela chegou a transladar cerca de 9 índios Guajá, cinco dos quais crianças cujos pais haviam morrido dias antes. Os quatro adultos morrem em São Luís ou na Posto Indígena Pindaré (dos índios Tenetehara), devidoa infecções intestinais e pulmonares. Das cinco crianças, duas posteriormente morreriam vitimadas por tuberculose contraída em São Luís. As três que sobreviveram foram levadas para o posto indígena que posteriormente foi criado no alto Turiaçu e lá continuam a viver.

Nesse mesmo ano, Valéria Parise, recebendo informações de que índios Guajá estavam entrando em contato com um caçador que ilegalmente subira o rio Turiaçu, forma uma equipe de atração para evitar os danos que vinham sofrendo os Guajá do rio Caru. Em março de 1973 a sua equipe contata cerca de 17 Guajá no alto rio Turiaçu, numa área que depois veio a constituir a Reserva Turiaçu e que serviria a esses índios, os Urubu-Kaapor e os Tembé (Tenetehara). De 1974 até o presente, cerca de 120 Guajá são contatados em ocasiões diferentes e por diferentes funcionários da FUNAI. No verão de 1976, embora já com várias mortes tendo acontecido, um funcionário da então Frente de Atração Guajá conta cerca de 91 Guajá ali reunidos. Hoje restam 29 deles, sendo que três são crianças que vieram do rio Caru e mais da metade são crianças com menos de 10 anos. Salienta-se ainda mais que não há entre eles uma pessoas com mais de 40 anos, nem ninguém é avô, isto é, é um grupo formado por apenas duas gerações.

Os cerca de 80 ou mais Guajá que viviam na região do Caru perderam o contato com os do rio Turiaçu, devido a um corredor que dividiu essa área indígena em duas reservas separadas, a do Turiaçu e a do Caru, quando até 1977 era uma reserva só constituída por decreto presidencial no ano de 1961. À então administração da 6ª D.R. coube a glória de aceitar esse esbúlio territorial e deve caber-lhe o peso da morte de uns 50 índios Guajá por causa dessa medida. Hoje restam na região, esperançosamente, uns 25 índios Guajá, 11 dos quais foram brevemente contatados pelo sertanista

Sidney Possuelo, em outubro de 1978. Desde então não se conhece o paradeiro desses índios, embora haja informações já prestadas à 6ª D.R., em São Luís, de que um pequeno grupo é ocasionalmente visto por caçadores, fora da Reserva Caru, e perto de um povoado localizado na margem do rio Turizinho, afluente do rio Caru. Nenhuma providência tem sido tomada até agora.

O macro-grupo da margem direita de rio Pindaré, que por conveniência e por característica desse território chamaremos de "macro-grupo Serrano", é constituído atualmente de 3 micro-grupos que não tem mais contato entre si devido às longas distâncias que os separam. Deviam compreender uns 100 indivíduos em 1970, assim distribuídos: 35 do micro-grupo Igarapé Timbira; 35 do micro-grupo Buriticupu; e 30 do micro-grupo Arame. O primeiro será discutido mais a miúdo em seguida por ser aquele grupo que contactamos em abril de 1980 e que constitui assunto específico desse relatório.

O micro-grupo Buriticupu foi brevemente contactado em 1975 quando surgiram os primeiros sinais de sua aproximação em lugares já povoados por civilizados. O contato não foi viabilizado em nenhuma tentativa de criação de um posto para eles ou transferência para outra área indígena. Em contínuas fugas causadas pela formação de novas fazendas na região, esse micro-grupo terminou aparecendo um ano depois no município de Porto Franco, a uns 150 km de distância, numa região tipicamente de cerrado com ocasionais capões de mata. Perseguidos por capangas de fazendeiros locais, mais de uma dezena deles foi morta a tiros. Uma criança foi aprisionada, como se diz na região, "a dente de cachorro" e posteriormente levada a São Luís. Outra, com sua mãe, permaneceu algum tempo no Posto Indígena Cavião, sendo depois também levada a São Luís. Sua mãe morreu. As crianças continuam vivas. Em 1979, informada pelo delegado de polícia de Porto Franco, novamente a FUNAI tentou novo contato, mas inutilmente. Não resta dúvida que devem restar sobreviventes desse grupo vivendo em condições precaríssimas, e que a FUNAI tem que tomar providências urgentes para salvaguardar esse micro-grupo de extinção quase certa.

O micro-grupo Arame tem sofrido iguais perseguições. Sabe-se apenas de sua presença na região de Arame, povoado no município de Amarante. Embora pelas informações que circulam a respeito desse grupo calcule-se que não sejam mais que 15 indivíduos, faz-se necessário chamar a atenção da FUNAI para tomá providências urgentes.

O micro-grupo Igarapé Timbira

Em 1970, quando os primeiros civilizados começaram a se adentrar na mata do atual município de Santa Luzia, vindos dos povoados localizados à beira do rio Pindaré (Alto Alegre, Mineirinho, etc), havia um micro-grupo Guajá de umas 35 pessoas. No ano seguinte, alguns caçadores entraram em contato esporádico com esse grupo. Contrataram doenças infecciosas, resultando na morte de mais de uma dezena deles, cujos cadáveres eram encontrados por esses caçadores, conforme depoimento de alguns dos primeiros moradores dessa região. Nos anos seguintes, perderam contato, mas

continuaram a saber de sua presença pelas picadas encontradas na mata. A região começou a ser povoada, desta vez com contingentes populacionais que vinham diretamente da cidade de Santa Luzia, por terra já desbravada. Com o constante desmatamento feito para o plantio de legumes e formação de pastos, a mata original desse micro-grupo foi diminuindo. Resta hoje uma pequena área de mata, aparentemente já "comprada" por um grupo agro-pecuário conhecido regionalmente como o pessoal do "Dr. Ademar", e que também é explorada pelos pequenos lavradores e posseiros locais, que sempre precisam de mata virgem para fazer suas roças. Os cocais de babaçu foram derrubados ou englobados por outras grandes fazendas, como a "Cacique", de maneira que esse micro-grupo Guajá começou a sentir forte carência por hidrocarbonatos, aproximando-se então de algumas casas para pedir farinha. A caça, muito explorada, já não é suficiente pra suportar o grupo.

Devido a essas circunstâncias, esse micro-grupo Guajá viu-se forçado a se aproximar de civilizados que caçam em sua área diminuída ou que estão brocando novas roças. Esse ano de 1980 parece ter sido o seu ponto de carência máxima até agora. Em fins de fevereiro de 1980, três civilizados que estavam marcando um terreno para suas futuras roças, foram aproximados por um grupo de quatro homens Guajá. Nesse contato, embora um tanto quanto tenso, aceitaram farinha de mandioca e calções e camisas que lhes foram oferecidos. Posteriormente, a convite dos mesmos regionais, um grupo de 7 homens, 2 mulheres e uma criança de colo se aventuraram a aparecer no povoado "Centro dos Paulo", situado a uns 15 km de sua aldeias temporária. Lá aceitaram farinha, carne de porco e foram vestidos, recebendo outras roupas velhas para levar aos seus outros companheiros. Em 21 de março, fazem nova visita, desta vez já acostumados com muitas das pessoas que deles se aproximaram, numa ocasião em que algumas pessoas do povoado estavam acometidas de sarampo. Por sorte não contraíram sarampo, mas ficaram fortemente acometidas de gripe.

Em 9 de abril, uma equipe formada por dois chefes de posto da 6ª D.R., Antonio Lau de Araújo e Raimundo Mourão, o médico Dr. Reinaldo Dames, dois índios Guajá, Jef e Takydia, ambos do P.I. Guajá, do Alto Turiaçu, e mais o presente relator, contactou esse grupo em sua totalidade, constituído de 27 pessoas, assim relacionadas:

8 homens adultos, um com mais de 50 anos

7 mulheres adultas, duas com mais de 50 anos

1 moça de uns doze anos, mas já casada

8 meninos com 10 anos ou menos

3 meninas com menos de 10 anos, sendo uma de uns 4 meses de idade.

Visto que um desses homens não é casado, aparentemente por razões físicas, há portanto 7 famílias, uma das quais é constituída apenas por um homem viúvo e seu filho de quatro anos. Dois casamentos são poligâmicos. Surpreende o baixo número de meninas, fato também constatado entre os Guajá do Alto Turiaçu, para o qual não há explicações aparentes, já que não se pratica infanticídio feminino entre os Guajá.

Constatado esse quadro de circunstâncias perigosas à sobrevivência desse micro-grupo Guajá, providenciamos um primeiro relatório dirigido ao Sr. Major Alípio Levay, delegado da 6ª D.R. da FUNAI, em São Luís, urgindo providências necessárias de transferência, localização na Reserva Caru (na margem oposta do rio Pindaré, a uns 60 km de distância de onde se encontram esses Guajá) e acriação de um novo posto para esses Guajá e outros que já se encontram na reserva.

Constatou-se, no entretanto, que esse micro-grupo havia recentemente sofrido um ataque de espingarda por parte de civilizados desconhecidos, em um babaçal onde haviam ido para buscar coco. Estavam naturalmente desconfiados da nossa presença nesse local, embora a presença de dois seus compatriotas ajudasse para que fôssemos mais facilmente aceitos. Aceitaram nossas ofertas de farinha, arroz e um porco que compramos de lavradores locais, não necessitando de sal e açúcar. Rejeitaram inicialmente qualquer medicação por via oral ou injetável. Com a nossa presença durante 4 semanas, três deles foram aceitando tratamento tópico para aliviar suas leishmanioses, finalmente aceitando tratamento injetável nos últimos dias que lá passei.

O presente relator deixou esse grupo Guajá no dia 4 de maio, em condições um pouco melhores de confiança mútua. Vale salientar que melhoraram consideravelmente de sua gripe, exclusivamente com seus próprios recursos medicinais e resistência física, visto terem rejeitado os paliativos comuns contra gripe, como xaropes, vitamina C, anti-térmicos, etc. Pareciam um pouco mais abertos à idéia de serem transferidos para outro local, mas naturalmente queriam maiores seguranças de que não sofreriam ataques por parte de civilizados regionais. Dois funcionários da FUNAI ficaram no local para dar continuidade ao contato, firmar uma confiança mais profunda e medicar os acometidos de leishmaniose.

Considerações finais

A área em que se encontram esses 27 Guajá é uma das mais disputadas atualmente no Maranhão, por posseiros, pequenos proprietários, grileiros e grandes empresas agropecuárias. Criar uma reserva que lhes sirva adequadamente para sua sobrevivência—embora assim deveria ser feita por lei constitucional—parece ser uma tarefa impossível. A única coisa a ser feita é a sua transferência para a Reserva Caru onde lá se criaria um posto indígena com infraestrutura de posto de atração, isto é, com rádio transmissor-receptor, embarcação própria, verbas para gastos extraordinários e sobretudo pessoal competente. Como fazer essa transferência e como criar uma nova política de relacionamento que não resulte no decréscimo populacional desse grupo, como sucedeu aos Guajá do Alto Turiaçu?

Sabe-se que a transferência de grupos indígenas de uma área para outra é uma questão delicadíssima. Conhece-se muito bem os resultados calamitosos de transferências de nações indígenas como os Xavante nos anos 60 e os Krenhacarore em 1973. O trauma dessas mudanças resultou em verdadeiros desastres demográficos. De uma população de uns 150 Krenhacarore, somente 70 sobreviveram uma ano após a transferência.

Esses dados, se projetados para os Guajá, resultariam num verdadeiro genocídio, cujo desfecho seria a inviabilidade socio-cultural desse grupo, sua extinção. Há que se evitar isso. A única vantagem (e esperança nossa) que levam esses Guajá sobre os casos citados é a de que eles próprios nos informaram que uns 30 anos atrás viviam na outra margem do rio Pindaré, não lhes sendo, portanto, seu possível novo território de todo desconhecido. Ademais esta é uma região mais abundante em babaquais e que lhes traz uma certa atração mesmo percebendo que seria um êxodo imposto.

A FUNAI tem o dever e a obrigação urgente de fazer essa transferência, obtendo os recursos necessários ao deslocamento desses Guajá por terra, através da mata restante, evitando com isso atravessar muitos povoados, alimentando-os durante todo o percurso com carne, farinha, arroz e outros legumes. Uma equipe de pelo menos 5 pessoas dedicadas, entre as quais o relator se compromete a fazer parte (até meados de julho), com rádio transmissor-receptor e recursos para todas as despesas advindas, seria suficiente para tal empreendimento. Deslocados até perto do povoado Arapapa, na margem do rio Pindaré, de lá seriam transportados para a Reserva Caru, na ântura do Igarapé Presídiq, onde lá deveria ser localizado o novo posto. Essa transferência deve ser feita com o total conhecimento dos índios. Para isso deve-se fazer uma espécie de ensaio da transferência definitiva, no qual levar-se-ia uns 5 homens Guajá para conhecerem o trajeto a ser feito e seu novo local de permanência.

Com a criação imediata do posto, deve-se cuidar para que jamais falte alimentação aos Guajá até que eles comecem a explorar por conta própria o seu novo território. Nenhuma indução à sedentarização deve ser feita. Deve-se compreender que os índios Guajá são muito diferentes dos outros índios do Maranhão, e que o trato com eles tem que ser feito de uma forma respeitosa, sem induzi-los a uma dependência psicológica ao posto. Deve-se formar uma equipe que tenha a sensibilidade para compreender o ser Guajá em todas suas dimensões: linguisticamente, socialmente e culturalmente. A presença de um enfermeiro que procure entender o conceito que fazem os Guajá sobre doenças é imprescindível para que em casos eventuais de doenças infecciosas, sejam-lhes aplicado medição de uma maneira que não venha a assustá-los e que não resulte no desastre já verificado no Posto Indígena Guajá.

Essas providências deverão ser tomadas o mais breve possível. Que se crie urgentemente uma equipe exclusivamente para trabalhar com os Guajá para que esse e os outros micro-grupos Guajá (do Arame, Sariticupu e Caru) sejam também transferidos para a Reserva Caru e resguardados de sua extinção.

De minha parte, como antropólogo, comprometo-me a dar toda assistência que me fôr possível, no sentido de viabilizar a sobrevivência física e cultural dos índios Guajá